Banco Central consegue prorrogar o prazo para saldar dívida com bancos

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — “Os créditos intermediários e as linhas comerciais que venceram a 17 de janeiro foram prorrogados por dois meses, até o dia 15 de março, para podermos discutir uma redução na taxa de risco, o spread. Um dos problemas foi a Operação 63 e os bancos prejudicados estão pedindo a reconsideração do Governo brasileiro para novos pagamentos e deveremos estudar isto. O telex do Citibank deve sair hoje (ontem) à noite. Mas eu confirmo que a partir de 15 de março os créditos interbancários e linhas comerciais serão renovados por um ano. A dívida principal de 1985, que é de US\$ 8 bilhões, será rolada por sete anos, com cinco anos de carência e a dívida que vence este ano, de US\$ 12,8 bilhões será depositada no Banco Central”.

A declaração foi do Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, ao sair de uma longa e cansativa reunião com os banqueiros credores na sede do Citibank, às 19h em Nova York (22h no Brasil), antes de embarcar de volta ao Rio.

— São mais de 700 bancos que participam das negociações e por isso teremos dois meses discutindo as bases deste acordo. Vamos reanalisar nossa parte também. Mostramos nossa dis-

posição de coeperar com o Fundo Monetário Internacional. Mas não há um acordo com o Fundo nem muito menos uma carta de intenções. Isto foi acertado em duas frentes aqui em Nova York comigo, que estava em constante contato com o Ministro da Fazenda, Dilson Funari, em Brasília. Ele negociou os problemas ou acertos que foram necessários com o FMI e com os Governos, no caso o envolvimento da Reserva Federal dos Estados Unidos — continuou Bracher.

O Presidente do Banco Central confirmou o que já se sabia em Nova York, que os pontos de maior obstáculo foram “a redução do spread, de um acordo do Brasil com o FMI e a operação 63, inaceitável para muitos banqueiros dos Estados Unidos que estavam pensando em entrar com ação legal”, segundo a fonte americana. A 63 tem afetado muito as negociações e o spread não poderia ser cortado em espaço tão curto de tempo, com mais de 700 bancos participando.

— Reiteramos aos bancos que vamos ver a nossa posição sobre a 63. Eles querem uma solução melhor. Mas digo a coisa importante: existe a intenção por parte dos banqueiros credores de reduzir a taxa de risco. Veja bem, estes são os 14 bancos do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa. Agora eles têm

de apresentar a proposta para mais de 700 bancos e depois teremos uma posição. Os maiores concordam com nossa posição. Mas o Comitê, particularmente, não considerou a Operação 63 um assunto específico. Eles apenas querem uma solução satisfatória, já que vários bancos que compõem o pacote brasileiro foram atingidos. Mas a 63 não é condição, assim como o FMI também não é uma condicionalidade — disse o Presidente do Banco Central.

As negociações reiniciam em Nova York no dia 27 de janeiro. O Diretor da Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, deverá então retornar com uma equipe do Banco Central para recomoço das questões. Hoje e Citibank deverá divulgar um telex e um comunicado informando o final das negociações que foram consideradas preliminares. As grandes vitórias do Brasil, no entanto, segundo fontes financeiras, foram uma prorrogação que em março será de um ano, até março de 1987, redução no spread, que até agora ninguém sabe de quanto vai ser. Mas o Brasil deverá ceder no pagamento da Operação 63, que deverá ser feito na sua totalidade. No FMI não houve uma posição final, mas ficou certo, segundo a fonte, que o Brasil não vai fazer acordo ou carta de intenção, outro ponto positivo para a Administração Sarney.